

DISCURSO INDIRETO LIVRE EM *CIDADE DE DEUS*: SOBRE A DISTÂNCIA ENTRE NARRADOR E NARRADOS

Autora: Nathielle Rodrigues Nogueira

Orientador: Carlos Augusto Bonifácio Leite

Introdução: No livro *Cidade de Deus* (2002), pode-se notar uma linguagem, em certa medida, lírica por parte do narrador, o que acaba por envolver o leitor, além de influenciar sua visão acerca da narrativa. Já nas falas dos ali representados há uma evidente coloquialidade, o que marca um **distanciamento** criado pelo autor entre aquele que narra e aqueles ali narrados. No entanto, há evidências de que, em certos momentos, essa distância é relativizada. Sobretudo quando há a presença de discurso indireto livre, ou seja, quando as personagens falam através da fala do narrador, pode-se observar um distanciamento menos marcado, o que dá ao narrador maior naturalidade para abordar o seu assunto.

No filme homônimo de Fernando Meirelles, que leva em consideração a potência imagética do livro e dá luz a situações não tão exploradas no romance, é preciso levar em consideração o processo narrativo: a narração, na maior parte do tempo, é feita concomitantemente pelo personagem Buscapé e pela câmera, mas, em alguns raros momentos, se dá apenas por um ou outro. No entanto, em certos momentos, temos a sensação de que a câmera, apesar de sempre estar lá objetivando a ação, não está narrando. E é para esses processos narrativos que volto minha atenção.

Essa pesquisa, que ainda está em sua fase inicial, direciona-se, portanto, especificamente para a análise do discurso indireto livre por Paulo Lins, contrastando-o com o uso da câmera enquanto narrador no filme homônimo de Fernando Meirelles, a fim de elucidar, se possível, os modos de aproximação, representação e autonomia do sujeito da periferia nessas duas obras.

Metodologia: Para cotejar as duas obras, levaremos em conta, primeiramente, uma bibliografia que examine as relações entre discurso literário, técnicas cinematográficas e realidade social (Schwarz (org.), *Os Pobres na Literatura Brasileira*; Wood, *Como Funciona Ficção*; Xavier, *Alegorias do Subdesenvolvimento*), além de uma bibliografia que trate especificamente das questões relativas à representação e autonomia do sujeito da periferia na literatura e no cinema (Spivak, *Pode o subalterno falar?*).

Objetivos: Cotejar romance e filme, analisando e contrastando especificamente os processos narrativos de cada uma das obras; analisar as questões que dizem respeito à forma de representação do sujeito periférico em ambas as obras;

reunir bibliografia para subsidiar possíveis futuras pesquisas.



Referências:

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARZ, Roberto (org.). *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et alii. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WOOD, James. *Como Funciona a Ficção*. Tradução de Cláudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

XAVIER, Ismail. *Alegorias do Subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Roteiro: Bráulio Mantovani. 2002. Som, cor.